

4

De *bug* e *print* a *bugar* e *printar*: o que dizem os dados?

Os dados que serviram como base para o início deste trabalho, que datam de junho de 2009, apontaram para o uso das palavras *print* e *bug* como, de fato, cristalizadas no português do Brasil. Àquela época, a questão de interesse era outra, e bem mais abrangente, embora semelhante à que norteia o rumo atual da pesquisa: buscava-se verificar o grau de familiaridade de falantes com palavras do inglês que estavam se disseminando no português brasileiro a partir da Internet. As entrevistas, então, se baseavam num repertório de palavras que era apresentado aos falantes, para que elessem seu nível de entrosamento com tais expressões. A lista apresentada foi a seguinte:

Download
Link
Web
Home
Homepage
Scrap
Scrapbook
<i>Bug</i>
Spam
Send
<i>Print</i>
Password
Profile
Log in
E-mail
Site
Messenger
Network
Pop up

Tabela 3. Lista de estrangeirismos testados na primeira fase do trabalho

A quantificação dos dados foi organizada em quatro tabelas, em que se pôde analisar a familiaridade dos falantes com os vocábulos, de acordo com duas variáveis, a saber, diferença etária e nível de acesso à Internet. Os dados gerados a partir das palavras oferecidas aos entrevistados foram importantes para que comprovássemos a variação etária existente no processo de absorção dos anglicismos oriundos da Internet. Já era esperado que, de fato, o público mais jovem reagisse

de forma mais receptiva em relação a esses termos, já que necessita usá-los todos os dias. Os mais velhos, geralmente, não possuem o hábito de utilizar a Internet como entretenimento e, mesmo os que o fazem, ainda não assimilaram o contato com o mundo virtual como algo que faz parte de sua vida. Se, por um lado, temos uma geração que nasceu de frente para as telas de computadores, por outro lado, temos uma geração que nasceu, iniciou e terminou estudos em todos os níveis, trabalhou, enfim, viveu e alcançou a maturidade sem ter contato com essas máquinas. É evidente que tal variação de contato com as práticas do mundo virtual causará também a oscilação nos resultados da pesquisa, assunto que, por conta de suas particularidades, será abordado em um capítulo específico, em que se vincula a atividade em comunidades de prática à aceitação dos americanismos em nossa língua. Por enquanto, fixemo-nos no que informaram os entrevistados acerca do uso das novas palavras e nos processos linguísticos pelos quais elas passaram antes de integrar o léxico do português.

As descobertas mais interessantes, ainda na fase mais abrangente do trabalho, vieram daquilo que não foi programado para as entrevistas. Os falantes que frequentavam *lan houses*, ao serem perguntados sobre alguma palavra que, porventura, a lista não houvesse contemplado, forneceram informações relevantes quanto a vocabulários desconhecidos até mesmo pelo entrevistador. É o caso de palavras como “leg”, “bugar”, “lol”, “nick” e “goglar”, já tratadas na seção que falava particularmente sobre a questão da aceitação dos estrangeirismos no português do Brasil. Houve dados ainda mais reveladores: em primeiro lugar, certas palavras do campo da informática podiam ser reconhecidas por falantes que não tinham acesso algum a esse universo. Em segundo lugar, mas não menos importante, algumas palavras já aparentavam pertencer, de fato, à língua portuguesa, embora apresentando algumas peculiaridades: em geral, antes de sofrerem processos morfossintáticos próprios da língua na qual estão se infiltrando, as palavras sofrem processos de adequação, em que sua pronúncia e sua grafia passam a respeitar as regras do novo idioma, adentrando de vez ao sistema. Nessas exceções, a primeira parte da sistematização acontecia exatamente como previsto por Freitas, Ramiro e Soalheiro (2003):

- i) adaptação fonética imediata;
- ii) adaptação morfossintática imediata;

- iii) monossímbola: manutenção do significado com o qual a palavra importada;
- iv) grafia da língua de origem;
- v) hesitação nos tipos gráficos. (SOALHEIRO et al, 2003, p.13)

A pronúncia das palavras, de fato, havia se modificado. Em *bug*, deixamos de ter a sequência fonética [b/ ã/ g], que foi substituída por [b/ u/ g]. Em *print*, a sequência fonética do inglês [p/ ʌ/ ɪ/ t] dá lugar à aportuguesada pronúncia [p/ ɾ/ ɪ /tʃ /i].

De acordo com o que se prevê na literatura, portanto, a próxima etapa do fenômeno que definiria, de fato, a aceitação dessas palavras como novos vocábulos em língua portuguesa seria a alteração de grafia, que deveria poder registrar na escrita do português essas novas sequências fonéticas. O que, como podemos concluir, resultaria na origem de *bugue* e *printe* na nossa língua escrita. Só então, posteriormente a essas transformações, tais vocábulos deveriam começar a receber tratamento gramatical sistêmico no português. Isso, no entanto, dentro de padrões oficiais. Com a verbalização das palavras *bug* e *print* antes das transformações gráficas, verificamos exatamente o contrário. Ainda na forma primitiva de sua escrita, esses vocábulos recebem vogal temática e desinência, formando o infinitivo dos verbos *bugar* e *printar*, rapidamente conjugados pelos falantes nos tempos verbais que julgavam mais convenientes. Sua forma se mantém, no entanto, quando utilizados de maneira nominal.

O processo pelo qual *bug* e *print* se consolidaram como radicais pertencentes ao português brasileiro é, como dito nas páginas iniciais deste trabalho, o de verbalização de uma forma de natureza substantiva. Destaca-se aqui que *print*, embora também seja verbo em língua inglesa, já apresenta formas substantivadas nessa língua. O Collins Portuguese Dictionary lista os seguintes significados para *print*: N (impression) – impressão, marca/ N (letters) – letra de forma/ (...) VT-(to) – imprimir (Collins Portuguese Dictionary, 2010).

Como dito, tal fenômeno é bastante recorrente na constante reconstrução do léxico de nossa língua, haja vista o que se pode constatar na lista de palavras já muito conhecidas enumeradas a seguir:

Forma primitiva	Forma brasileira
Link	Linkar/lincar
Delete	Deletar
Plug	Plugar
Reset	Resetar
Scan	Escanear
Xerox	Xerocar
Print	<i>Printar</i>
Bug	<i>Bugar</i>

Tabela 4. Exemplos de verbalizações conhecidas na área da informática

Como visto, as duas últimas palavras são o que nosso trabalho acrescenta a essa lista de conhecidas formas verbalizadas a partir de substantivos advindos do inglês. Note-se que a tabela apresentada acima já nos aponta como possível característica do sistema linguístico do português a verbalização de estrangeirismos com a forma inicial de substantivos. Vejamos, então, de acordo com os dados coletados, como se pode perceber a mudança morfossintática de *bug* e *print* na passagem para o léxico do português.

A verbalização das formas nominais ora analisadas tende, de acordo com a maioria dos falantes consultados, a ocorrer pelo acréscimo de desinências verbais aos vocábulos que passam a funcionar como radicais. De uma das entrevistas realizadas surgiu uma questão a parte, que precisa ser comentada. A entrevistada Isadora, 16 anos, ao ser questionada sobre seu conhecimento em relação ao verbo *printar*, se posicionou da seguinte maneira:

- 15 **Isadora** Já ouvi a palavra, não ela (1.0) numa frase (1.0) não
16 me lembro em que eu ouvi. Só que é (1.5) tipo (1.0)
17 familiar para mim, entendeu? Então, não tenho nem
18 noção de como botar ela numa frase.
- 19 **Jhonatta** Mas você pensa “ah, para mim, eu falaria de outra
20 maneira.”
- 21 **Isadora** É. (1.0) dar *print*.
- 22 **Jhonatta** Então você usa “dar *print*” (1.5) Como é que você
23 aplicaria “dar *print*” numa frase?
- 24 **Isadora** Por exemplo, se eu to fazendo uma coisa no computa-
25 dor (2.0)

26	Jhonatta	Aham.
27	Isadora	Eu vou dar <i>print</i> daquela conversa no MSN.
28	Jhonatta	Aham, entendi. Então, você conhece a expressão.
29	Isadora	Sim.

A entrevistada deixa bastante claro que conhece a proposição contida em *printar* quando a aplica numa frase, que, como se nota, é bem parecida com a maioria das frases criadas (diretamente ligada à prática de registrar o congelamento de uma *pop up* de conversa no aplicativo MSN), mas a realização gramatical dessa proposição numa forma verbal derivada pelo acréscimo de desinências não lhe pareceu usual.

Quando, no entanto, perguntada sobre se saberia formalizar de uma outra maneira aquela ideia, a falante o faz substituindo a forma verbal inteiriça pela locução formada por um verbo suporte mais a forma nominalizada de *printar*.

Embora as entrevistas tenham apontado para o fato de que o uso mais comum dos radicais *bug* e *print* no português do Brasil obedeça a esse padrão – verbalização por acréscimo de desinências – é importante que olhemos para esta segunda alternativa de verbalização que aparece nas falas de Isadora. Esse tipo especial de verbalização foi analisado por Neves (1999), que, em seu artigo *A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbo suporte*, submeteu expressões do tipo *dar + nom* a uma série de testes que comprovassem sua unidade lexical e sua função verbal. Continuando a análise dessas formas partindo da pesquisa desenvolvida por Neves, Basílio aponta que esse fenômeno pode acontecer também por meio do que ela trata como “construções lexicais não morfológicas”. Vejamos o que diz a autora sobre isso:

Estas expressões estão envolvidas, portanto, na possibilidade de se formar um signo verbal a partir de um substantivo com a finalidade de designar um ato ou um processo correspondente a um substantivo. A formação pode ser efetuada pelo acréscimo do sufixo derivacional, caso em que temos um verbo denominal (...) ou pela formação de uma expressão *v nom*(...) Portanto, a construção *v nom* tem a mesma motivação que a formação do verbo denominal, a saber, a formação de uma construção verbal, cujo significado decorre naturalmente da conceptualização do ato verbal correspondente ao significado evocado pelo substantivo. (BASÍLIO, 2000, p.04)

A construção de estruturas capazes de designar ações através do uso de verbo-suporte + substantivo (nesse caso a fórmula *dar + substantivo*), que a autora defende como maneira viável de verbalizar radicais no português, corresponde

exatamente ao que se viu na entrevista de Isadora. A falante ressalta ainda que, entre *printar* e *dar print*, a segunda forma lhe é muito mais familiar. Isadora diz que, embora ouça a primeira forma verbal com frequência, em sua fala é muito mais frequente a segunda forma, e aponta que, entre seus amigos, ocorre o mesmo. De fato, antes de ser questionada sobre o uso da expressão *dar print*, Isadora a utiliza quando vai construir a frase solicitada no questionário:

“Vou **dar print** nessa conversa e enviar para você.”

A solidez dessa estrutura, enquanto forma verbal, é garantida por Basílio, que no artigo *Construções morfológicas e construções lexicais: expressões V SN com dar e fazer*, fornece a seguinte explicação:

...no caso da formação do verbo denominal, a incorporação do substantivo como elemento fundador do verbo implica em seu aprisionamento e na consequente perda de suas propriedades gramaticais de substantivo: o substantivo passa a ser um radical morfológico, embora se mantenha seu significado, que motiva o significado geral do verbo formado” (BASÍLIO, 2007, p.4).

Tal como revelaram nossos dados coletados, o que Basílio aponta é que verbalizar um substantivo por meio da soma de desinências ou por meio da construção com verbo-suporte somado a uma forma nominal são opções, ou seja, são parâmetros que, atualmente em dinamismo, servem à realização de um mesmo princípio. Acreditamos que pesquisas mais aprofundadas nesse viés esclareçam se a escolha de uma ou outra forma pode ter motivação específica, como a autora já discute em seu artigo, ao afirmar que a forma construída com auxílio de verbo-suporte permite adjetivação maior e consequente especificação aprofundada da ação representada pela forma verbal. Por hora, não é isto um ponto primordial de nosso trabalho. Focalizamos, como se sabe, a adesão de vocábulos/radicais do inglês, e a dualidade da realização formal desse processo é apenas mais uma evidência da força com a qual *bug* e *print* são incorporados progressivamente em nossa língua, já que os processos apresentados aqui apenas são realizáveis em bases, ou raízes, de fato, familiares aos falantes. Assim, ao apresentarmos esta segunda forma de verbalização do radical *print*, o fazemos para evidenciar que a transformação desse substantivo – embora no inglês sua raiz seja verbal, algumas expressões já mostram uma tendência à sua nominalização, como será visto mais

à frente – em verbo é um princípio realizado em parâmetros diferentes. No português do Brasil, *locus* onde a palavra é analisada, sua força morfossintática é substantiva, como será também mostrado adiante, em seção específica da análise desse radical.

4.1

Bugar: surgimento e consolidação do verbo

Na passagem do século XX para o século XXI, todos os meios de comunicação anunciavam de maneira alarmante um problema que talvez desequilibrasse a vida da sociedade em esfera global. Uma falha em todos os sistemas operacionais dos computadores espalhados ao redor do planeta poderia confundir o calendário, e, em vez de passarem a registrar o ano 2000, as máquinas talvez se reportassem ao ano de 1900. Eram apenas especulações, mas o fato é que tais especulações criaram um tumulto geral, que fez pairar até a manhã de primeiro de janeiro do ano de 2000 uma aura de expectativa e suspense.

Tal possível defeito foi alardeado como sendo o *bug* do milênio. Entenda-se *bug* como uma grande pane, significado que surgiu por conta de uma curiosidade histórica: há registros de que o primeiro computador, um gigante obsoleto se comparado às máquinas da atualidade, possuía fendas enormes para circulação de ar, por onde, casualmente, uma mariposa teria adentrado o hardware e promovido um curto-circuito, que gerou uma série de erros de leitura dos arquivos e acabou por destruir o sistema. Como, no inglês, *bug* é o equivalente a *inseto* em português, embora seja menos formal (algo equivalente a *bichinho*), todos os defeitos que geravam falha no sistema começaram a ser apelidados dessa maneira e, logo, o neologismo se estabeleceu dentro da língua inglesa, o que constitui o primeiro passo para o processo que esta pesquisa ora analisa.

Amplamente aceito pelos usuários de computador, o termo *bug* para designar *pane* sobreviveu, tornando-se a cada dia mais forte em sua língua materna. Então, veio a onda de expansão da informática nas décadas de 1990 a 2000, trazendo, conseqüentemente, um novo universo linguístico, com palavras próprias para designar fatos novos, e, claro, oriundas da língua inglesa.

A análise de dados que segue evidenciará como o radical *bug* adaptou-se ao português do Brasil, apontando as fases desse processo.

Como dito rapidamente no capítulo 3, em que foi explicada a metodologia desta pesquisa, nossos dados foram divididos por grupos em duas etapas distintas, sendo que, na primeira etapa, eram quatro os níveis de familiaridade detectados entre os falantes. Resumidamente, os resultados foram os seguintes:

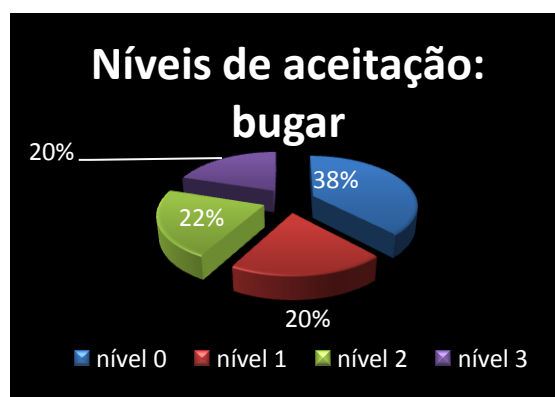


Figura 1. Graus de familiaridade com o termo *bugar* (gráfico de 4 níveis)

O gráfico acima aponta para a seguinte situação: 38% dos falantes que responderam o questionário afirmaram que nunca sequer ouviram a palavra *bugar*, ou seja, seu nível de familiaridade com esse verbo é zero. 20% dos falantes afirmaram já ter ouvido em alguma situação essa forma verbal, mas disseram não saber exatamente seu significado, o que se mostrou um problema em particular, porque, embora dissessem que não sabiam o significado da palavra, alguns desses falantes demonstraram poder aplicá-la numa frase. Tal constatação nos leva a considerar a hipótese de que, se o falante diz que já testemunhou o uso desse vocábulo, ele talvez não tenha noção exata do seu conhecimento em relação a essa palavra. A outra possibilidade de interpretação do fato é o uso formulaico da expressão em enunciados muito simples. 22% dos entrevistados afirmaram que já haviam ouvido a palavra *bugar*, e que, além disso, sabiam exatamente o seu significado, entretanto, não reconheciam como frequente o uso dessa expressão, nem por eles próprios, nem por interactantes presentes em seu cotidiano. Quanto aos 20% restantes, estes declararam que seu nível de familiaridade com a forma verbal *bugar* estava no nível mais alto, uma vez que era uma palavra de uso recorrente em sua vida cotidiana. Esses falantes declararam ouvir e falar frequentemente o verbo *bugar*.

Afastando-nos um pouco do campo de visão em relação aos dados para tentar uma posição que permitisse uma visão mais abrangente da situação, resolvemos proceder da seguinte maneira: os quatro grupos iniciais seriam agora reduzidos a dois – de um lado, foram alocados os falantes que, por suas respostas, denotaram que, mesmo em diferentes graus, conhecem a palavra *bugar*; de outro lado, foram alocados aqueles que demonstraram nível baixíssimo ou nulo de familiaridade com o uso desse vocábulo. Os resultados dessa visão mais abrangente podem ser vistos no gráfico a seguir:

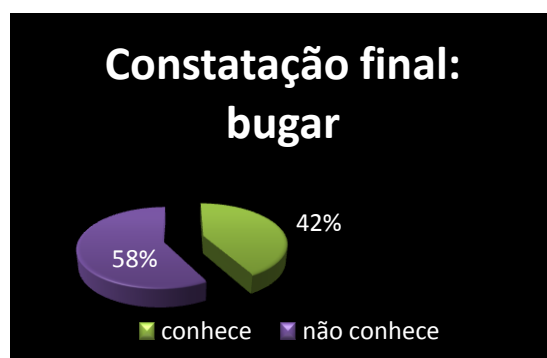


Figura 2. Graus de familiaridade com o termo *bugar* (gráfico de 2 níveis)

Como se pode perceber, entre os falantes que responderam ao questionário, é bastante grande o número daqueles que demonstram conhecimento satisfatório sobre o uso de *bugar*. Devemos nos lembrar de que não usar com frequência uma palavra não significa que não a possamos identificar como uma unidade lexical de fato pertencente ao nosso idioma. Sabe-se que há palavras que não são de imediato, ou mesmo depois de algum tempo para pensar, reconhecidas assim que o falante se depara com elas. Isso não deve ser considerado fator causador de rejeição dessa palavra como uma unidade lexical do português brasileiro, idioma que está sob análise nessa dissertação.

Os falantes forneceram frases claras e concisas em que o uso da forma *bugar* aparece totalmente compatível com a definição que adotamos para ela. Vejamos o que dizem algumas sentenças fornecidas nos questionários:

1. Não consegui abrir a página porque o *site* está *bugando*. (Silvana)
2. Cara, não acessa isso, senão vai *bugar* a porra toda. (Glauco)
3. O Combat Arms *bugou*. (Paulo)
4. O vídeo game *bugou*. (João)

5. Esse sítio vive *bugando* o computador. (Mauro)

Note-se, primeiramente, que todas as frases no recorte acima são capazes de atender exatamente o que se exige, ou melhor, ao que se adota como critério semântico para o uso da forma *bugar*: defeito no funcionamento de um computador. Gramaticalmente, entretanto, há divergências. Como dito inicialmente, o verbo *bugar* não apontava a necessidade de termos argumentais. Para a categoria de termos argumentais, adotamos a definição trazida por Bechara na versão mais atual da *Moderna Gramática Portuguesa*, como se pode verificar na citação a seguir:

Se os termos nucleares se referem sintática e semanticamente à relação prediativa da oração, eles nem sempre o são no mesmo grau de coesão e de dependência ou subordinação. (...) Argumental e não argumental distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os complementos ou termos regidos ou ainda integrantes dos adjuntos ou termos acessórios. (BECHARA, 2010, p.412)

O fato é que, na análise dos questionários e entrevistas, *bugar* se mostrou como uma forma verbal ora transitiva, ora intransitiva, oscilando, portanto, entre a necessidade ou não de um termo argumental que especifique seu significado. Repare que em 1, 3 e 4, primeiramente, *bugar* é verbo intransitivo. Diferente do que acontece em 2 e 5, em que os verbos apontam para uma condição de transitividade direta, sendo em 2 *a porra toda* o termo argumental que exerce a função de objeto direto, e, em 5, tal função é cumprida pelo termo argumental *o computador*. Note-se que a grande maioria dos falantes, quando formam as suas sentenças, atribui ao computador – ou o objeto que apresenta o defeito – o papel de sujeito sem carga semântica de agente.

A questão nos pareceu, mais do que um problema gramatical, um ponto acerca da carga semântica desse verbo sobre o qual se faz necessário um comentário, ainda que breve. E para tratar dessa relação que entrelaça sintaxe e semântica, buscamos alguma informação na proposta de transitividade feita por Halliday em sua *Introduction to Functional Grammar* (2004), encontrada nos trabalhos de Lopes (2008) e Gouveia (2009). A proposta trata deste fenômeno como sendo uma das *metafunções*, que seriam as bases do sistema linguístico. Como nos aponta Lopes:

Segundo Halliday (Halliday, 1973, 1978, 1985, 1994; Halliday & Matthiessen, 2004) e seguidores (Eggins, 1994; Martin, Matthiessen, & Painter, 1997; Thompson, 1996, 2004), ao nos comunicarmos, utilizamos a linguagem realizando três tipos de significados simultâneos: um ligado ao relacionamento entre as pessoas (Metafunção Interpessoal), outro responsável pela representação do mundo (Metafunção Experiencial) e um último que dá à sentença seu *status* de mensagem (Metafunção Textual). (...) A realização dessas representações ocorre através da Transitividade. (LOPES, 2008, p.01).

Partindo do viés sistêmico-funcional, Halliday propõe um novo olhar para a transitividade verbal, atrelando a funcionalidade gramatical dos verbos à sua carga semântica. Como se sabe, é proposta central da linguística sistêmico-funcional uma análise sintática pautada exatamente no campo do sentido. Para que a transitividade verbal seja analisada sob esse ponto de vista que leva em conta as especificidades semânticas do verbo, Halliday, ao destrinchar a metafunção ideacional, divide os processos de ação ou predicação – todos os existentes e os que, porventura sejam criados posteriormente – nos seguintes grupos: 1) processos materiais; 2) processos comportamentais; 3) processos relacionais; 4) processos mentais; 5) processos verbais. Dentre estes, interessa-nos o grupo dos processos comportamentais, pela proximidade semântica que com eles apresenta o verbo *bugar*.

Vejamos algumas linhas sobre o que seriam os processos comportamentais da transitividade:

Os processos comportamentais são ações que englobam comportamentos físicos e psicológicos realizados de forma simultânea. Segundo Halliday (1994: 139), esses processos estão entre os materiais e os mentais. Assim, o autor sugere que há processos comportamentais como olhar, assistir, encarar, preocupar-se etc., que estão mais próximos de ações mentais, e outros que estão mais próximos de ações materiais, como dançar, respirar, deitar, etc. A exemplo dos processos mentais, os comportamentais exigem que pelo menos um de seus participantes seja uma figura animada ou personificada. (LOPES, 2008, p.12)

Nesse caso, o que temos em *bugar* é um verbo intransitivo cuja carga semântica seria algo próximo, apenas, do que Halliday descreve como processo comportamental de transitividade verbal. Segundo o linguista, os processos comportamentais se dão na relação entre funções sintáticas que ele chama de *participantes*. No caso do processo comportamental, os participantes seriam o *behavior* e o *behave*, que podemos traduzir por algo próximo a *comportamento* e *comportante*. Embora aplique-se somente a seres vivos, o processo comportamental se

parece bastante com aquele contido na forma *bugar*. Trata-se de descrição de comportamento involuntário que é ligado ao campo fisiológico (ou do funcionamento do sistema físico/mecânico do comportante). Poderíamos encontrar aplicação dessa definição, por exemplo, em “Ele dormiu”, ou “Ela espirrou”. Os verbos denotam comportamento fisiológico imanente ao sistema dos seres vivos que exercem, nessas sentenças, o papel de comportantes. Se lembrarmos de que o computador – tomado aqui em todas as suas variações possíveis – é um sistema próprio que pode apresentar peculiaridades imanentes de seu funcionamento, podemos ter então uma causa para essa segunda opção de regência do verbo *bugar*, que traz na falta da necessidade de termo argumental a noção de que essa ação é algo natural da “fisiologia” do sistema computacional. A própria analogia que se tece entre alguns tipos específicos de *bugs* com a noção de vírus – micro-organismo capaz de causar danos ao funcionamento do sistema fisiológico humano, e consequente apresentação de comportamento involuntário, no caso os sintomas – é uma prova da comparação entre o sistema computacional e o biológico. Essa tendência a denotar que *bugar* é uma atitude involuntária do sistema computacional é a que se percebe na quase totalidade das respostas ao questionário.

Nas sentenças 2 e 5, contrariando o que acontece em 1, 3 e 4, temos um sujeito agente que é o causador direto da ação representada por *bugar*, e os termos argumentais é que apresentam o defeito em seu funcionamento. Essa opção de regência não leva em conta a analogia explicada acima, atribuindo ao termo regido de *bugar* uma carga semântica menos autônoma, e mais material. O que nos leva a apontar como Halliday, em seu agrupamento semântico dos verbos, descreve o processo material de transitividade verbal e seus participantes. Vejamos o que aponta Lopes (2008) sobre isso:

Os processos materiais são processos de fazer, relacionados a ações do mundo físico (HALLIDAY, 1994). Nesse sentido, os processos materiais são responsáveis pela criação de uma sequência de ações concretas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), sejam elas criativas ou de transformação. Alguns exemplos seriam acontecer, fazer, emergir, etc. Dois são seus participantes principais: o Ator e a Meta. O Ator é quem realiza a ação propriamente dita, sendo que sua presença é obrigatória: todo processo tem um Ator, mesmo que ele não seja mencionado na proposição (THOMPSON, 1996, p.78). A Meta é o participante a quem o processo é dirigido, aquele que efetivamente é modificado pela ação. Em termos da gramática tradicional, ele seria o Objeto Direto (EGGINS, 1994, p.231). Uma vez que esses conceitos são de base semântica, eles continuam aplicáveis a sentenças na voz passiva, em que a Meta assume a posição de sujeito. (LOPES, 2008, p.03)

Portanto, em 2, temos um processo material contido na oração subordinada condicional que encerra o período “senão vai *bugar* a porra toda”. Levando em conta a carga imperativa denotada na oração principal “Cara, não acessa isso”, nota-se que na oração condicional o sujeito ainda seria o interlocutor – teríamos “senão VOCÊ vai *bugar* a porra toda”. Desse modo, classificando os participantes de acordo com as categorias propostas por Halliday para esse tipo de processo, teríamos:

1. Ator: você.
2. Processo material: vai *bugar*
3. Meta: a porra toda.

Do mesmo modo, em 5, teríamos a mesma estrutura do processo anterior:

1. Ator: Esse sítio
2. Processo material: vive *bugando*
3. Meta: o computador

Partindo, portanto, do que expõe a citação de Lopes (2008), podemos analisar que, no caso da forma transitiva direta do verbo *bugar*, o participante ao qual se destina a carga semântica da ação proferida no verbo pode ser classificado como Meta. Ainda sobre esse termo, vejamos o que nos pontua Gouveia (2009):

Os processos materiais representam ações levadas a cabo por um participante designado Actor, como “O João” em “O João comeu o bolo”. São processos de *fazer*. Expressam a ideia de que uma entidade (normalmente o participante Actor) faz algo, podendo esse algo ser feito a outra entidade, normalmente o participante Meta, que, no exemplo dado, seria “o bolo”. (GOUVEIA, 2009, p.19)

O fato de essa regência ser menos usual não pôde ser verificado, mas as regências parecem estar, de fato,

ligadas à visão semântica que os entrevistados têm em relação ao sistema computacional, oscilando exatamente entre a autonomia e a materialidade do mesmo.

Afirmações concretas sobre as condições exatas de regência do verbo *bugar* na gramática do português, nesse momento, não são possíveis, pois, por sua formação recente, esta forma verbal, assim como a outra analisada nessa pesquisa, ainda não recebeu o *status* de palavra pertencente ao português por parte dos aca-

dêmicos (e talvez ainda esteja muito longe de isso acontecer, mas parece ser um processo inevitável). Mas está claro que se trata de um verbo de dupla regência, à semelhança dos que descreve Bechara a seguir:

Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga:

Eles *comeram* maçãs (transitivo).

Eles não *comeram* (intransitivo).

(...) conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática. (BECHARA, 2010, p.415)

Portanto, *bugar* está relacionado a uma mesma significação semântica na realização de suas duas regências, entre elas havendo apenas uma variação de nuances. Esta variação não é propriamente vinculada à carga verbal, mas sim à visão do computador como sistema mais ou menos autônomo. Em dez frases, o computador é apontado como aquele que pratica e/ou sofre a ação de *bugar*, sendo nove vezes citado como sujeito da ação e uma vez como objeto.

Na sentença 2, citada no recorte acima – Cara, não acessa isso senão vai *bugar* a porra toda. – podemos notar que “a porra toda” está, conotativamente, representando todo o sistema do microcomputador ao qual a advertência pretende salvar do defeito. Como se vê, ainda não podemos apontar com clareza se *bugar* quer dizer exatamente X apresentar defeito ou causar defeito a X, embora a grande maioria das frases aponte para algo próximo à primeira opção. Confirma-se, somente, sua relação direta com a causa de um defeito a um sistema computacional.

Essa oscilação de regência é extremamente comum em português, como em “quebrar”, “emperrar” etc., em que podemos ter o objeto da ação em função de sujeito ou de objeto direto. Veja-se:

1. A janela emperrou.
2. A maresia emperrou a janela.
3. O copo quebrou.
4. Alguém quebrou o copo.

Quanto a isso, vale pontuarmos sobre o que vem se tratando como verbos ergativos, que se comportam ora como transitivos, ora como intransitivos, e o objeto do uso transitivo passa a ser sujeito do uso intransitivo, como se verifica na

forma verbal analisada. É o que podemos verificar também nos exemplos abaixo, encontrados no trabalho de Duarte (2002) intitulado *Predicados Ergativos*. Veja:

1. Nós *rolamos a bola* ladeira abaixo.
2. **A bola** *rolou* ladeira abaixo.
3. Ele *encheu a banheira* com água.
4. **A banheira** *encheu* com água. (p. 04)

Repare que, no primeiro par de sentenças, *a bola* muda de função sintática de uma formulação de sentença para a outra, exercendo papel de objeto direto na primeira sentença e de sujeito na segunda. O mesmo acontece, no segundo exemplo, com *a banheira*. *Bugar*, portanto, de acordo com nossos dados, mostrou duas ocorrências de mudança na transitividade que apontam para essa situação de ergatividade. Vejamos o a definição de verbo ergativo encontrada no *Dicionário de Termos Linguísticos*:

1475 \$ verbo ergativo

I ergative verb

F verbe ergative

Sinónimos:

1476 verbo inacusativo

Classificação:

Sintaxe

Definição:

Núcleo de um SV que contém um complemento SN seleccionado mas não projecta um argumento externo. O argumento interno é tipicamente um tema que concorda com as marcas de acordo da flexão verbal e é, portanto, o sujeito da oração. Os verbos ergativos constituem um subgrupo dos verbos intransitivos da gramática tradicional. Exemplo: [o João (tema)] [chegou] ou [chegou [o João (tema)]].

Fonte: BURZIO (1981) / BURZIO (1986). (MATEUS, 1992, p.16)

Enquanto a proposta de transitividade de Halliday nos aponta a solução para o problema semântico desse fenômeno, a ergatividade resolve a questão do ponto de vista sintático, mostrando a gramaticalidade dessas regras de concatenação. Em resumo, no total de frases obtidas com os questionários, apenas duas apresentavam o verbo *bugar* como transitivo. Em todas as outras frases, vinte e duas no total, o verbo apresentou-se como intransitivo, denotando uma ação que descreve comportamento involuntário do sujeito – que em todos os casos é um sistema computacional.

O fato de as frases apontarem para a sistematização no uso da carga semântica desse verbo ratifica a ideia de que o neologismo surge por conta da necessi-

dade de nomear ações novas, surgidas a partir de situações inéditas. Dentre as frases nas quais foi usada a palavra *bugar*, é possível perceber, como abordaremos no capítulo 5, sobre comunidades de prática, que o léxico se constrói nos fazeres cotidianos e, no dia a dia, novas palavras vão sendo requisitadas e entram na língua por diferentes processos de diferentes ordens. É, como já dissemos, uma questão linguística e cultural, e se opor a esse tipo de fenômeno é o mesmo que se opor a qualquer fenômeno de ordem natural. É, antes de tudo, causa perdida.

Tal familiaridade dos falantes em relação ao verbo *bugar* se exemplifica de maneira bastante clara nos trechos de entrevistas destacados a seguir. Vejamos:

- | | | |
|----|-----------------|---|
| 01 | Jhonatta | Bom (1.5) é, (1.5) eu perguntei se você conhecia a |
| 02 | | palavra <i>buga::r</i> e você me deu a descrição “não con- |
| 03 | | seguir abrir essa página porque o <i>site</i> está <i>bugado</i> ”. |
| 04 | | (1.0) então você vai novame::nte ((risos, por conta de |
| 05 | | nossa primeira tentativa de gravação ter falhado por |
| 06 | | defeito do gravador)) descrever essa essa frase que |
| 07 | | você aplicou |
| 08 | Silvana | Ah é ((risos)). Que <i>bugado</i> eu coloquei tipo no senti- |
| 09 | | do de ((ruídos inaudíveis)) ocorrido algum erro no |
| 10 | | sistema, alguma coisa que me impedisse de acessar a |
| 11 | | página de maneira correta. |

A sentença criada pela falante pode ser facilmente depreendida, sem que haja nenhuma dificuldade na comunicação: o *site* que contém determinada página não pode ser acessado porque apresenta alguma espécie de defeito, alguma espécie de falha no sistema. Embora a entrevistada tenha demonstrado dominar de forma satisfatória a funcionalidade de tal vocábulo, esclarece, a seguir, que não costuma ver presente em falas cotidianas, suas ou de outros interactantes, o uso frequente dessa forma verbal, restringindo, a princípio, a atuação de *bugar* à linguagem escrita pela qual se veiculam as informações na Internet. Vejamos:

- | | | |
|----|----------------|--|
| 18 | Silvana | Na verdade, não é ouve, é lê, né? (1.5) porque assim, eu |
| 19 | | não lembro muito de ter pessoas falando isso, mas de |
| 20 | | ter lido na própria interneti:: palavras como esse <i>bugar</i> , |
| 21 | | de <i>bug</i> , de <i>bug</i> ((na segunda vez que pronuncia a pala- |
| 22 | | vra, a interactante usa a pronúncia do inglês para o |
| 23 | | radical <i>bug</i> , como que retomando a sua origem.)) ouvir, |
| 24 | | ouvir propriamente (1.5) uma vez ou outra num telejor- |
| 25 | | nal assim |

Como já afirmado anteriormente, trabalhamos, em nossa análise, com variação do nível de familiaridade em relação ao uso das palavras pesquisadas, entendendo que tal critério em nada enfraquece qualquer constatação acerca de sua incorporação ao léxico do português. Como sabemos, as palavras de qualquer idioma são conhecidas com mais ou menos intensidade por seus usuários.

Observemos, agora, a descrição que nos fornece um falante que se mostra mais próximo do uso de *bugar*:

18	Gilberto	A:::hh, quando, quando um aplicativo mal instalado,
19		mal programado pifa com frequência. Aí, geralmente,
20		ele buga. Gela a imagem, tudo isso, aí (2.0) falha com
21		frequência.
22	Jhonatta	Se você tivesse que definir (1.5) bugar (1.5) vamos
23		supor, você está escrevendo um dicionário e você vai
24		botar um significado pra <i>bugar</i>
25	Gilberto	(3.5) Falha (1.0) de (0.5) programas e aplicativos ou
26		(0.5) ou (0.5) falhas de conteúdo de <i>software</i> .

Curiosamente, Gilberto se prende à forma infinitiva do verbo, da maneira que este é apresentado a ele na pergunta feita. Tal fato serve, de imediato, para que se veja como esse vocábulo apresenta, para o falante, comportamento verbal. A pouca familiaridade com a gramática normativa pode ter provocado a reação acima. O falante parece ter feito questão de aplicar a forma verbal tal como ela lhe foi apresentada. Mas tornou claro que costuma usá-la de maneiras diferentes, ou seja, tornou claro que, para ele, a flexibilidade imanente à classe gramatical dos verbos se faz presente nessa palavra quando esta aparece em sua fala cotidiana. No trecho a seguir, Gilberto fala de maneira mais clara sobre a frase que forneceu na entrevista, explicando-a e contextualizando-a:

09	Gilberto	Porquê::? Escuto muito quando, quando (1.5) dá uma
10		pane geral, páginas da internet, programas, aí toda hora
11		(1.5) aí (1.5) ah, <i>bugou</i> . <i>Bugou</i> sempre, nunca <i>bugar</i> ,
12		porque você me perguntou do <i>bugar</i> .
13	Jhonatta	Não, eu botei aqui na entrevista a forma no infinitivo,
14		mas a gente pouco usa dos infinitivos. Tipo, vender, a
15		gente vai conjugar de acordo com o que a gente preci-

- 16 sa. Você aplicou assim, esse aplicativo pode *bugar* com
 17 frequência. Explica essa frase.
 18 **Gilberto** A:::hh, quando, quando um aplicativo mal instalado,
 19 mal programado pifa com frequência. Aí, geralmente,
 20 ele buga. Gela a imagem, tudo isso, aí (2.0) falha com
 21 frequência.

Novamente, o que temos é uma descrição semântica do verbo que se encaixa perfeitamente no perfil de resposta que é almejado em nossa pesquisa. Como se nota no trecho acima, a descrição formal que Gilberto faz de *bugar* é direta, concisa e correta.

Uma das entrevistas mais reveladoras foi a realizada com o falante Diogo, de vinte e seis anos de idade, professor de língua portuguesa e mestrando da área da linguística. Isso, porque, além de fornecer informações sobre a impressão que o vocábulo lhe causa como falante, Diogo também, em alguns momentos, parece ser mais detalhista que os outros entrevistados em suas falas, trazendo a perspectiva do linguista ao se deparar com um fenômeno de incorporação de um estrangeirismo ao léxico do português. Começemos por ver a descrição dada para *bugar*:

- 01 **Jhonatta** Se eu te pedir uma definição para a palavra *bug*, qual é
 02 a definição que você dá?
 03 **Diogo** *Bug* (1.5) a definição seria (1.5) algum problema
 04 referente a software alguma coisa assim.

Como vemos, a definição de Diogo não difere, em conteúdo, daquela dada por Silvana e Gilberto, citadas acima. No momento em que a pergunta foi direcionada a Diogo, houve, por parte do entrevistador, a preocupação por ter construído a questão utilizando, em vez da forma derivada *bugar*, a primitiva *bug*. Tal imprevisto foi rapidamente resolvido pelo entrevistado, que, ao aplicar a palavra numa frase, se valeu da forma derivada, e não da primitiva, o que contribui para enfatizar a força da função gramatical que esse radical adquiriu ao ser incorporado ao nosso léxico. Vejamos:

- 22 **Jhonatta** Então, assim, a partir dessa definição que você me deu,
 23 você seria capaz de aplicar essa palavra numa frase?
 24 **Diogo** Bom (4.0) talvez diria, já de uma maneira diferente, co-
 25 mo “o computador está *bugando*, ou seja, está dando

07 É, (1,0) na virada de:: de 1999 para o ano 2000 os
08 computadores sofreram a ameaça de do *bug* do de que
09 houvesse o bug do milênio por conta da mudança de
10 data de um milênio para outro.

De maneira semelhante, Gilberto descreve o que se lembra sobre esse acontecimento:

27 **Jhonatta** Algum conhecimento da histó::ria desse nome?
 28 **Gilberto** (2.0) Ah, tudo começou com aquele (1.0) famoso *bug*
 29 de 2000, da virada do século (1.0) ah, vai dar o *bug*, e
 30 aí (1.0) no, no vocabulário da Internet, né? Não sei se
 31 antes tinha alguma coisa no inglês, mas, o famosão
 32 mesmo é o *bug* da virada do milênio, o bug do milê-
 33 nio. Aí, daí para a frente (1.0) tudo ficou *bug*.

Embora falem com propriedade sobre a história do *bug* do milênio, ambos os falantes mostram que o que sabem da etimologia dessa palavra é o que aconteceu à época da expectativa que se vivia diante da possibilidade da pane geral em 2000. Não falam sobre o surgimento desse neologismo em sua língua materna, em que *bug*, como dito anteriormente, teria nascido de um processo metafórico em que se comparavam processos de pane do cotidiano ao processo de pane causado pela entrada de um inseto em um computador obsoleto da década de setenta. Atente-se também para o fato de que os falantes não souberam descrever o momento em que o verbo *bugar* passou a ser visto de maneira mais usual no português, o que, acreditamos, aconteceu por conta de ser um processo ainda em dinamismo, ou seja, que por acontecer ainda nos dias de hoje, não possa ser percebido de maneira nítida pelos falantes.

4.1.2

A formação tácita de grupos de atividade: algumas pistas iniciais no uso do verbo *bugar*

As respostas aos questionários apontaram, como já dito acima, para um campo específico no qual o uso da forma *bugar* parece ser usado mais frequentemente. Vejamos algumas frases que ajudem a esclarecer essa ideia:

1. O jogo está *bugado*.
2. O vídeo game *bugou*.

3. O jogo *bugou*. (citado por mais de cinco falantes)
4. O *Combat Arms bugou*.

Como se pode ver, as sentenças acima tem muito em comum. Em primeiro lugar, elas trazem quase a mesma proposição. Todas elas podem ser entendidas por uma descrição comum que se aproxime de “o aplicativo com função de jogo apresentou algum defeito”. Em todas as frases feitas com a forma *bugar* como núcleo verbal, os sujeitos que apareceram foram: 1) O/Meu computador; 2) A página; 3) O aplicativo; 4) O/Meu jogo; 5) O *Combat Arms* (nome específico de um jogo). Como vemos, a maioria desses sujeitos se refere a uma prática em especial – entretenimento com o uso de jogos, como abordaremos no capítulo 5.

4.2

***Printar*: surgimento e consolidação do verbo**

Com relação à contagem de respostas dadas sobre o verbo *printar*, o nível de familiaridade evidenciado pelos falantes pode ser entendido conforme mostra o gráfico a seguir:

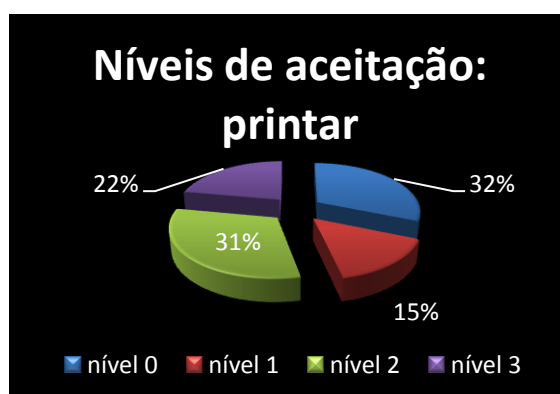


Figura 3. Graus de familiaridade com o termo *printar* (gráfico de 4 níveis)

Os níveis apontados acima são os mesmos adotados quando falamos anteriormente da forma verbal *bugar*: no nível 0, consideramos os falantes que afirmaram nunca terem sequer ouvido tal expressão, e que somaram, nesse caso, 32%; no nível 1, está o número de falantes que afirmaram já ter ouvido, em alguma situação, o verbo *printar*, mas não se recordam como, nem para que finalidade a palavra foi utilizada, sendo 15% do total de entrevistados. No nível 2, estão contadas as respostas dos falantes que afirmaram saber o significado de *printar*, mas não usam nem ouvem a palavra com frequência, o que, no caso de *printar*, com-

preende 31% dos casos; e no nível 4 contabilizam-se as respostas daqueles que afirmaram tratar-se de um vocábulo com o qual tem total familiaridade, representando 22%.

Abrindo o campo de visão sobre esses dados, podemos considerar o panorama seguinte:



Figura 4. Graus de familiaridade com o termo *printar* (gráfico de 2 níveis)

Vemos, assim, que pouco mais da metade dos falantes pode ser considerada, de forma mais ou menos intensa, conhecedora da forma verbal.

4.2.1 Histórico da evolução

A forma original *print*, no inglês, denotava o que em nossa língua se atribui ao verbo *imprimir* ou mesmo *pintar* no sentido não artesanal. Sua natureza seria, portanto, verbal. Entretanto, dentro de sua própria língua, esse vocábulo aponta ter sofrido desdobramentos que resultam em formas nominais. O *Collins Portuguese Dictionary*, por exemplo, já traz para esse verbete uma forma nominalizada, traduzida por *impressão*. O vocábulo também é utilizado em algumas palavras compostas, como, por exemplo, *print letters* (letras de forma), *print art* (estampa, gravura), *print phot* (cópia), *footprint* (pegada) e *fingerprint* (impressão digital). A participação de *print* como radical em processos de composição por justaposição que resultam em substantivo confirma a sua carga semântica nominal. Em português, *print* é importado, inicialmente, como substantivo, e desse substantivo se origina a forma verbal *printar* analisada nessa pesquisa.

Novamente, a noção de construção de forma verbal composta por verbo suporte + forma nominalizada nos auxilia. A expressão *dar print*, fornecida por Isadora e já comentada anteriormente se encaixa nessa sistematização, evidenciando que *print* seria, portanto, um substantivo. Silvana, cujas falas também anteriormente analisadas traziam expressão semelhante – tirar um *print* –, mostra que, em nossa língua, tal vocábulo é tratado como substantivo por quem o utiliza. É importante, assim como fizemos com *bugar*, que apresentemos o percurso que a palavra *printar* traçou pela língua portuguesa até chegar a seu *status* atual.

O início das transformações que esse vocábulo sofre em nosso léxico começa por sua famosa aplicação nos teclados dos computadores. A tecla *print screen* inicializa a função de fotografar o que aparece na tela do computador no exato momento em que é pressionada. A função inicial previa que a tela fosse congelada para que pudesse ser impressa em papel, sem que houvesse qualquer alteração na imagem ou mesmo para facilitar o processo de determinada impressão, como um atalho para essa função. Hoje, os usos dessa ferramenta são vários, e, para alguns grupos de “internautas”, talvez a realização de impressão em papel seja esse o menos comum de todos.

Vejamos algumas frases que reincidiram bastante nos questionários respondidos pelos falantes:

1. Pode **printar** essa conversa? Está muito engraçada.
2. Eu vou dar **print** naquela conversa do MSN.
3. Poderia **printar** sua conversa com ela?
4. Eu **printei** minha conversa no MSN.
5. A menina **printou** a conversa no MSN.
6. Eu tirei um **print** da conversa.
7. Você poderia **printar** essa imagem para mim?

Como se pode ver, todas as frases correspondem ao que apontamos como o significado do verbo: gerar uma fotografia de determinada situação que se apresenta na tela do computador. Vejamos o que os entrevistados dizem sobre isso:

26	Jhonatta	Depois eu te perguntei sobre printar, você marcou que
27		conhece, mas não ouve com frequência, e aplicou da
28		seguinte maneira “vou printar a página e enviar para
29		que veja o erro”. Aí você me deu uma descrição de
30		<i>printar</i> .

- 31 **Silvana** Tá (1.5) eu falei porque (1.0) é algo que eu posso (1.0)
 32 é uma ação que eu posso (1.0) fazer, posso *printar* uma
 33 página ou alguma coisa qualquer no computador, é
 34 uma, é algo que, é algo que eu posso falar com mais
 35 frequência do que *bugar*, por exemplo.

Embora não tenha marcado o nível máximo de intimidade com o vocábulo, Silvana afirma que a palavra *printar* é bem mais usual do que a palavra *bugar*, que ela afirmou conhecer por ouvir, não sendo uma expressão que ela utiliza em seu cotidiano. A seguir, ela continua descrevendo o uso desse verbo:

- 36 **Jhonatta** É mais concreto...
 37 **Silvana** É (1.0) exatamente, *bugar* eu acho que eu, raramente,
 38 possa ter usado, mas *printar* eu lembro de falar *printar*
 39 ou “fazer um *print*”, por exemplo.

Veja que Silvana define a palavra como algo concreto em suas práticas virtuais. No trecho acima, ela ainda aponta uma segunda forma gramatical para a realização dessa forma verbal, que nos lembra novamente a questão de verbos-suporte apontada por Basílio. Nesse caso, ao invés de termos como a forma vazia o verbo *dar*, a falante aponta *fazer*, também prevista no trabalho da autora.

A especificidade desse verbo se torna realmente clara na fala de Cristina, 16 anos, estudante do segundo ano do ensino médio, usuária assídua do *Windows Live Messenger*, como pode ser visto na fala a seguir:

- 17 **Jhonatta** Tá. Aí a segunda palavra você já marcou que conhece
 18 e usa com frequência, que é *printar*. E a frase que você
 19 me deu foi amiga, você tem que *printar* aquela conversa.
 20 Explica (1.0) o o que você, o que que quer dizer
 21 isso?
 22 **Cristina** Eu uso esse verbo mais quando tá na conversa no MSN
 23 que a gente faz, como, uma espécie de fotografia da
 24 conversa. A gente fotografa essa conversa, uma parte
 25 engraçada uma parte que marca e a gente costuma
 26 postar no *site* do Orkut.

Para Cristina, *printar* se confirma como gerar uma fotografia fiel da tela do computador quando esta exibe uma conversa – repare que ela é incisiva ao delimitar o escopo de *printar* como “conversa do MSN”. Mais do que convergir com

todas as falas apresentadas anteriormente, tanto nas sentenças formadas nas respostas aos questionários quanto nas falas dos entrevistados, a descrição de Cristina parece abranger todas as definições dadas, focalizando a situação específica da reprodução fiel de uma conversa. Segundo Cristina, o verbo está tão semanticamente ligado ao congelamento de *pop ups* de conversas online que é extremamente difícil pensar num substituto para ele. Veja:

27	Jhonatta	Se você tivesse que falar essa frase mesma que você
28		me deu de outra maneira ((ruídos inaudíveis)) outra,
29		outra estrutura para a frase.
30	Cristina	Não (1.0) não teria como falar copiar porque não seria
31		a mesma coisa.

Vejamos agora o que Diogo, 26 anos, professor de língua portuguesa, aponta como sendo a definição para *print* e *printar*:

35	Jhonatta	Tá ótimo, então vou passar para a outra ((ruídos inde-
36		cifráveis)): o que você entende por print?
37	Diogo	Print é um (3.0) é um (1.0) uma espécie de um meca-
38		nismo do computador que serve para congelar a ima-
39		gem da tela que está sendo (1.0) que está sendo utili-
40		zada pelo computador.

Como podemos perceber, embora a definição dada por Diogo difira daquela fornecida por Cristina no nível pragmático, atende igualmente à definição que adotamos como padrão. Diogo, ao contrário de Cristina, não evidencia a especificidade de *printar* como uma ação diretamente ligada ao congelamento de determinada conversa, o que serve para lembrar-nos de que o significado dessa palavra é mais abrangente do que o fornecido por Cristina. Chama-nos à atenção, nas falas da entrevistada, a ligação direta que esta constrói entre a palavra *printar* e a reprodução fotográfica de uma janela de conversa do *Messenger*, entretanto, essa ação pode se aplicar a outras situações que não a descrita pela falante. Vejamos o que segue Diogo dizendo-nos acerca do verbo *printar*:

49	Jhonatta	Aplicação numa frase.
50	Diogo	Prin (0.5) <i>printa</i> esse quadro para colocar num
51		(0.5)texto

52	Jhonatta	((repetindo a frase para confirmar)) <i>printa</i> esse quadro
53		para colocar num texto.
54	Diogo	É (0.5) <i>printe</i> esse quadro para colocar num texto.
55	Jhonatta	Quando você mudou de <i>printa</i> para <i>printe</i> você não tá
56		falando desse <i>print</i> como se ele terminasse com t?
57	Diogo	Não, com E. como um verbo no português mesmo
58	Jhonatta	Então, qual foi a frase que você aplicou?
59	Diogo	<i>Printe</i> esse imagem e coloque no texto ou (1.0) cole
60		no texto.

Nesse trecho, pedimos a Diogo, como foi feito com todos os demais entrevistados, que comentasse a frase na qual aplicou a palavra solicitada, quando da resposta ao questionário escrito. A modificação na pronúncia ocorrida no momento da repetição da sentença poderia ser confundida com a pronúncia da forma originária, por conta disso, enfatizamos a soletração da palavra utilizada, confirmando se tratar do imperativo do verbo *printar*.

Note-se, ainda, que Diogo aplica *printar* a uma ação totalmente técnica, em nada parecida com as definições mostradas nas sentenças formuladas do recorte acima e nos trechos da entrevista de Cristina. Para ele, *printar* não tem ligação com conversas de Messenger. Portanto, isso constitui uma prova de que esse termo está longe de ser unicamente uma espécie de gíria passageira, não estando presa a uma única aplicação.

4.2.2

Algumas pistas sobre atividades específicas envolvendo *printar*

Repare-se quantas vezes o objeto direto do verbo *printar* é uma conversa *on-line*. Ao todo, 13 dos questionários cujas respostas apontavam familiaridade com essa palavra fizeram referência direta e indireta à interação *on-line* por meio do aplicativo Windows Messenger, o que demonstra como é comum para os usuários desse aplicativo a prática de registrar suas conversas tal como aconteceram na tela do programa.

No próximo capítulo, abordaremos exatamente as pistas que destacamos neste, e que evidenciam práticas sociais bastante novas. Tais práticas, como será visto, têm a Internet como forte aliada para o seu desenvolvimento, pois a interação que esse ambiente virtual propicia favorece o reconhecimento de praticantes em comum, que acarretam na formação de grupos que trabalham em prol da me-

lhoria constante dessas atividades. É nesse ambiente de cooperação e trabalho em equipe que os estrangeirismos surgem como elementos de uma língua de especialidade, e é devido ao largo alcance das informações divulgadas na rede que chegam à língua cotidiana, sendo cada vez mais reconhecidos.